

COVILHÃ (São Martinho)

São Martinho foi uma freguesia do concelho da Covilhã, distrito de Castelo Branco. Na sequência da reorganização administrativa de 2013, foi agregada a outras localidades, passando a designar-se União das Freguesias de Covilhã e Canhoso. A igreja de São Martinho dista cerca de 700 m da Câmara Municipal da Covilhã. Sair para a rua António Augusto de Aguiar, seguir pela rua Conselheiro António Pedroso dos Santos, virar à esquerda em direção à rua Calçada de São Martinho e virar depois à direita na rua Marquês de Ávila e Bolama. A igreja encontra-se à esquerda, a uma cota mais alta relativamente à EN339, entre os edifícios do Museu dos Lanifícios da Universidade da Beira Interior e o dos Serviços Académicos da mesma Universidade. À igreja de São Martinho, localmente designada por capela, acede-se por escada de vários lanços que comunica com a EN339 ou através de espaço ajardinado confinante com o Museu dos Lanifícios.

A igreja de São Martinho tem um enquadramento urbano, inserida no *campus* universitário da Beira Interior, muito próximo do antigo núcleo medieval da Covilhã e é considerado o edifício mais antigo da cidade. A paróquia de São Martinho era uma das paróquias medievais extramuros. A cidade da Covilhã é envolvida pelas serras da Estrela e da Lousã e situada a apenas 20 km da Torre, o ponto mais alto de Portugal Continental. A ocupação humana da região remonta ao início da era cristã, tendo sido aí edificado um burgo fortificado.

Em 1186, Covilhã recebe carta de foral de D. Sancho I, cuja intenção era *restaurare atque populare Covelianam*. O modelo de foral era o de Ávila/Évora, de caráter militar, e que era aplicado a terras que necessitavam urgentemente de (re)povoamento. A vila foi erguida no cimo da encosta correspondendo às exigências militares da época. Em finais do século XII, no tempo em que a vila recebe a primeira cinta de muralhas, o arrabalde localizava-se nas vertentes este e sudeste e dava sinais de estar densamente povoado, em comparação com o interior da cerca.

Igreja de São Martinho

A IGREJA DE SÃO MARTINHO deverá ter sido edificada no século XIII, enquadrando-se num românico tardio, quase vernacular, não fora o investimento colocado na conceção da sua fachada oeste. Luís Urbano Afonso cedo notou que o foral da Covilhã não menciona nenhum edifício religioso dedicado a São Martinho, pelo que questiona a existência desta igreja em data tão precoce. Há autores que sugerem ter sido edificada sobre uma construção anterior, mas não há quaisquer vestígios que o corroborem. Aliás, é praticamente inexistente a informação histórica relativa a igreja.

A capela de São Martinho localizava-se à entrada da vila da Covilhã, fora de portas, em lugar de passagem dos rebanhos serra acima, perto do mercado onde se tosquiavam as ovelhas e se vendia a lã, o que seguramente explica a implantação do Museu dos Lanifícios da Universidade da Beira Interior, junto desta, em edifício mais recente.

Sabemos hoje que a Covilhã foi uma das cidades que mais se desenvolveu durante a segunda metade do século XIII no interior do país, talvez por força da deslocação das populações. Na segunda metade do século XIII, Covilhã tinha uma população suficientemente considerável para justificar a permanência de cinco tabeliães no concelho. Segundo a lista das igrejas de 1320, Covilhã tinha então 12 igrejas, com um rendimento de 1145 libras. No século XV, a Covilhã fornecia ao exército régio 30 besteiros do conto (e a Guarda 50), situação explicada pela sua dimensão populacional.

Em 1320, no Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do reino, a igreja de São Martinho, no bispado da Guarda, foi taxada em 75 libras, um valor relativamente baixo no contexto das Igrejas da Covilhã. Neste contexto, destaca-se a igreja de Castelo Branco taxada, juntamente com a do Ródão e a de Vidigueira, em 1 700 libras, todas três da Ordem de Cristo.



Perspetiva geral da igreja. Alçado oeste

As Memórias Paroquiais de 1758 nada registam para a freguesia de São Martinho da Covilhã.

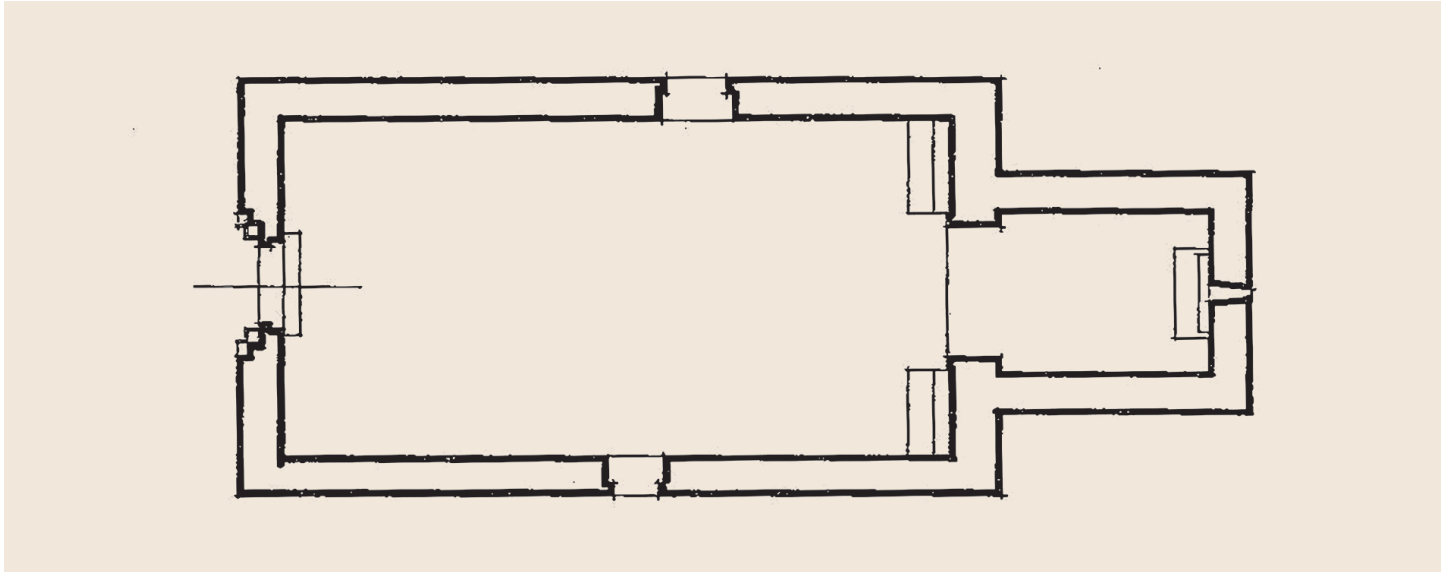
A igreja de São Martinho da Covilhã atesta bem como a conjuntura histórica e geográfica determinam a escala e o arranjo da fábrica de uma igreja durante a época românica. O desenvolvimento económico sentido na região a partir do século XIII explica a sua edificação, num ponto estratégico, como elemento de sacralização do lugar, mas também como espaço de fé para acolhimento dos fiéis de uma cidade, neste caso a Covilhã, em plena expansão.

Edificada em aparelho de granito pseudo-isódomo, de talhe algo fruste, a igreja apresenta uma nave única e uma capela-mor retangular mais estreita e mais baixa que esta, ambas com telhado de duas águas e correspondente cobertura em madeira. As fundações da igreja permanecem ainda visíveis junto do alçado norte da nave e na fachada oeste, do mesmo lado, onde se identifica algum desalinhamento no assentamento dos silhares.

Apesar da cabeceira ser o local mais significativo na arquitetura religiosa da época, esta apresenta-se muito contida, seguramente fruto das transformações que sofreu

durante a época barroca e que ao nível do seu exterior se materializa no vão retangular, amplo, rasgado no seu alçado sul. Na parede fundeira, voltada a este, conserva-se uma estreita fresta, rasgada bem ao gosto românico, mas isenta de decoração. Esta fresta foi encontrada entaipada pelos técnicos da DGEMN em 1938, ocasião em que começaram a desenvolver uma ação de restauro nesta igreja. A desobstrução da fresta foi acompanhada da execução de vitrais. O alçado norte da cabeceira é totalmente cego, aspeto que se explica facilmente. Fotografias datadas de 1938 da DGEMN confirmam ter existido uma pequena sacristia adossada à cabeceira e que foi demolida durante esta intervenção de restauro. Consequentemente, o alçado norte da cabeceira foi reconstruído no ano de 1940.

Os alçados da nave são mais animados que os da cabeceira por apresentarem cachorros a sustentar cornija de ressalto. Estes são claramente tardios. São lisos, uns de secção quadrangular, outros retangular. No lado sul, rasga-se portal que permite aceder ao interior da nave. Inscrito na espessura do muro, é de verga reta e também ele foi desentapado durante a mesma intervenção que, a partir de



Planta (Desenho SIPA-DGPC)



Alçados este e sul

1938, requalificou esta pequena igreja beirã. Sobre o lintel, um silhar de perfil semicircular convoca a ideia de arquivolta, sem o ser. O alçado norte apresenta um arranjo semelhante ao nível do alçado. Contudo, aqui, o portal apresenta a configuração de arco de volta perfeita enformada por aduelas lisas que assentam diretamente sobre os pés direitos do muro. A ausência de imposta é um sinal do

caráter tardio da sua fábrica. Estreitíssimas frestas permitem a iluminação da nave a partir do norte. A presença de mísulas indica-nos ter aqui existido um alpendre para acolhimento dos fiéis.

O alçado oeste contrasta com a restante fábrica da igreja e concentra os mais significativos testemunhos da época românica. O portal é formado por duas arquivoltas



*Pormenor do portal
ocidental*

que, inscrevendo-se na espessura do muro, lhe criam profundidade. Nas aduelas uma ligeira modenatura, semelhante à da imposta, anima a sua aresta. Colunas de fuste cilíndrico sustentam as arquivoltas e os seus capitéis, apesar de frustes no talhe, mostram uma frondosa decoração vegetalista sobre colarinho. A sua configuração cúbica, bem presa ao cesto, denuncia o bom gosto românico e mostra como o capiteleiro de São Martinho da Covilhã era conhecedor do léxico decorativo da época. Este aspeto é tanto mais significativo quando se trata de um edifício geograficamente afastado dos grandes centros de produção que conhecemos para a época românica. O embasamento das colunas é significativo, apoiando as suas bases cúbicas.

De destacar a presença de tímpano apoiado sobre mísulas. Não fora o seu desgaste e seria seguramente uma peça notável no contexto do românico português. A sua leitura é difícil, mas identificamos ainda relevados uma cruz patada, motivos fitomórficos e, talvez, motivos florais. A presença de quatro mísulas indica-nos que existiu nesta fachada uma estrutura alpendrada sobre o portal e que se alargava o alçado oeste.

Sobre o portal, no registo superior, rasga-se uma fresta que se mostra igualmente elaborada. Convém ressaltar, contudo, que foi neste elemento que mais se fez sentir a ação da DGEMN nos anos de 1938-1940. De facto, foi esta fresta reconstruída nesta ocasião pelo que a sua análise deve necessariamente considerar este aspeto e o cuidado posto à época na sua reintegração estilística. Assim, uma

pequena arquivolta com modenatura semelhante à do portal é apoiada por dois colunelos de tambores com respetivos capitéis. Estes são também marcados pela presença de colarinho, pela temática vegetalista e pela sua linguagem frondosa.

O interior da igreja é marcado pela contenção, que o granito aparente dos alçados da abside e da nave acentua. Da época românica persiste a escala e a forma como as frestas do lado norte da nave e da parede fundeira da abside se rasgam alargando para o interior da igreja. A fresta da fachada oeste é o elemento mais erudito, replicando um arranjo em tudo semelhante àquele que vimos já no exterior da igreja, fruto da reconstituição realizada em 1940.

O arco triunfal foi transformado na época moderna, que lhe ampliou o vão e lhe atribuiu um gosto classicizante. De destacar ainda as campanhas de pintura mural quinhentista na parede fundeira da nave e os azulejos tipo tapete seiscentistas que ornem as mesas de altar colaterais. Junto da pia batismal, em granito, persiste uma caixa tumular trapezoidal com interior antropomórfico de feição medieval.

A capela de São Martinho da Covilhã deverá ter sido edificada no século XIII, já que o foral de 1166 da Covilhã não faz referência ainda à existência de um edifício dedicado a São Martinho. Durante a época moderna sofreu grandes transformações que, seguramente, sacrificaram parte da fábrica românica, não nos permitindo hoje ter uma compreensão total do conjunto. As intervenções de



Interior. Perspetiva geral da igreja a partir do lado ocidental

restauro da igreja propriamente dita, realizadas entre 1938 e os primeiros anos da década de 1940, bem como os arranjos urbanísticos da envolvente, já de finais dos anos de 1960 e de inícios da década seguinte, seguramente marcam a leitura que hoje fazemos desta pequena igreja, implantada a uma cota muito elevada relativamente à limítrofe estrada nacional e enquadrada pelos edifícios da Universidade da Beira Interior. Nos anos 50 do século xx foi totalmente intervencionada e, em 1963, foi classificada como Imóvel de Interesse Público.

Texto: MLB/JL - Fotos: SVS - Plano: SIPA-DGPC

Bibliografia

AFONSO, L.U., 2009, II, pp. 251-256; ALMEIDA, F., 1971, IV, pp. 140-141; BOISSELLIER, S., 2012, p. 215; GEPIB, 1935-60, 27, p. 547; MATTOSO J., 2001c, p. 257; MATTOSO, J., 2002b, pp. 244-248 e 252; MORENO, H.B., 1987, p. 151; PATRIMÓNIO CULTURAL; PEREIRA, D., 2009, pp. 16-19; SANTOS, C.L., 2004, pp. 15 e 24; SIPA.



Interior. Fresta da parede ocidental da nave

